



O engenheiro Joaquim Tavares, 91 anos, plantou as palmeiras do Palácio da Alvorada a pedido de Oscar Niemeyer

O doutor das palmeiras do Alvorada

Certa vez, um jornalista visitava a obra de construção de uma igreja e perguntou a um operário: "O que você está fazendo aqui?". "Sou pedreiro e estou trabalhando para ganhar dinheiro", respondeu. Em seguida, o jornalista voltou-se para outro peão e repetiu a mesma pergunta. E o outro respondeu: "Sou carpinteiro e estou trabalhando para garantir o meu sustento".

Pela terceira vez, o jornalista dirigiu-se a outro operário, que empurrava um carrinho de mão cheio de argamassa, e repetiu a indagação. O homem largou o carrinho, olhou firme para o jornalista e disse: "Eu estou construindo uma catedral".

"Era assim que nós, os pioneiros, nos sentíamos. Estávamos construindo a capital do Brasil e nos orgulhávamos sinceramente disso", explicou o engenheiro agrônomo Joaquim Alfredo da Silva Tavares, que gosta de contar essa historinha para ilustrar a relação de amor entre a cidade e os pioneiros.

Mais conhecido como doutor Tavares, ele é quase uma lenda na Secretaria de Agricultura. Aos 91 anos, continua trabalhando incansavelmente como assessor técnico da secretaria. E garante: "Assessor de fato e de direito. Não estou encostado."

Fincou raízes em Brasília em 1956, quando chegou ao canteiro de obras incumbido por Juscelino Kubitschek de traçar um plano de abastecimento agrícola do novo Distrito Federal. Dois anos depois, plantava as palmeiras do Palácio da Alvorada, a residência oficial dos presidentes.

TIRAS DE ALGODÃO

Doutor Tavares estava plantando a grama do Palácio quando chegaram Juscelino e Oscar Niemeyer. O arquiteto estava preocupado porque o gramado poderia esconder o ângulo agudo das colunas, o que poderia prejudicar a leveza da obra. "Aí, JK me disse que gostaria de ver as palmeiras que estavam no projeto plantadas. Eu perguntei quando voltaria a Brasília e ele respondeu que seria na sexta-feira (dali a uma semana). Eu prometi que estariam plantadas", relembra Tavares.

Para cumprir a promessa, ele contou com a ajuda de dois amigos. Primeiro, foram à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) comprar tiras de algodão. "Em seguida, fomos para o mato localizar as palmeiras. Marcamos 35 delas com as tiras de algodão. Levamos os tratores, pás e caminhões e transporta-

mos 30 palmeiras e plantamos lá. As mesmas que estão lá até hoje. Apenas duas foram trocadas logo depois da plantação."

Enquanto Tavares plantava as palmeiras de JK, a mulher dele, dona Yolanda, fazia o jardim da primeira casa do Lago Sul, onde ela e o marido moraram até a véspera da inauguração de Brasília. "Ela fez um jardim magnífico", recorda-se. "Tivemos que sair de lá porque o doutor Israel Pinheiro, o presidente da Novacap, disse que precisava da casa para a residência do presidente da Câmara dos Deputados, Raniere Mazilli. Entreguei a casa e pedi demissão da Novacap, voltando para o Ministério da Agricultura."

O desgosto, no entanto, não foi motivo para a desilusão com Brasília. "Gostamos muito daqui. É um prazer íntimo ter ajudado a construir essa cidade", declara Tavares.

Foi ele quem fundou o antigo Departamento de Terras e Agricultura da Novacap, o DTA. Também foi um dos únicos a acreditar no potencial do cerrado. "O presidente JK estava preocupado com a possibilidade do cerrado ser totalmente improdutivo, mas eu disse que os aspectos negativos poderiam ser corrigidos", lembra. "E ele acreditou." (CG)